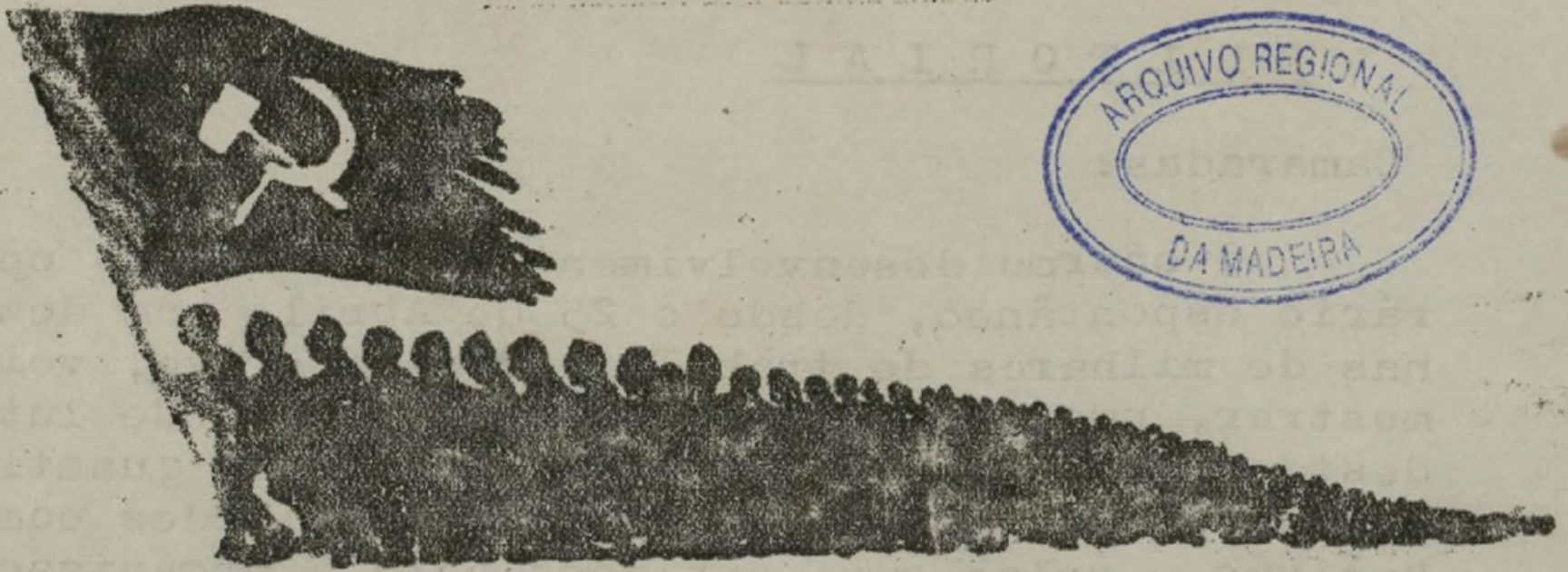


efolp/133

PROLETÁRIOS, POVOS E NAÇÕES OPRIMIDAS DE
TODO O MUNDO UNI-VO S!



A CLASSE OPERÁRIA

JORNAL
DA



CENTRAL
U.C. (m-l)

Nº 3 Setembro 1974

PREÇO 1\$50

ABM

EDITORIAL

Camaradas:

O enorme desenvolvimento do movimento operário espontâneo, desde o 25 de Abril, com dezenas de milhares de trabalhadores em greve, veio mostrar, uma vez mais, que nos períodos de luta destaca-se da massa operária uma enorme quantidade de elementos, que pelas suas qualidades combativas, e pelas suas aptidões para a organização e propagação, desempenham um papel fundamental na condução da luta. Gozando, na generalidade, de grande prestígio e confiança junto da massa, são os elementos que revelam maior disposição e capacidade para defender os interesses da classe operária. Podemos dizer, com justeza, que são a vanguarda natural e espontânea do proletariado. Porém, é de notar que devido à sua fraca consciência política e à falta de organização partidária, estes camaradas raramente conseguem, por si sós, ultrapassar os limites estreitos da luta sindical. E mesmo neste campo tropeçam com imensas dificuldades, inclinando-se frequentemente para o reformismo neste campo. Entendem a luta apenas do ponto de vista económico, e pensam que é possível melhorar as condições de vida da classe operária e acabar com a exploração, sem destruir a sociedade capitalista. Ora, a experiência dos trabalhadores tem mostrado, em todo o lado, que por maiores que sejam os aumentos de salários conquistados, eles são sempre anulados pelos capitalistas. Para isso basta-lhes aumentar os preços dos produtos de consumo, como agora aconteceu recentemente, após a "conversa em família" do Vasco Gonçalves. De facto, os capitalistas nunca querem

diminuir os lucros, e se momentaneamente a isso são obrigados pela luta tenaz dos trabalhadores, então não hesitam em lançar no desemprego e na miséria milhares e milhares de trabalhadores e suas famílias, como agora está acontecendo. Tãmanha injustiça é o dia a dia de qu alquer sociedade capitalista, é uma coisa permitida e legal à face das leis reaccionárias que regem a sociedade em que labutamos. Mas já não será permitido, já não será legal, os operários ocuparem as fábricas e acabarem através da sua luta revolucionária com a exploração e a miséria. Nessa altura, lá vem sempre o governo em socorro dos capitalistas defender a " paz social " e os " justos " direitos do Capital espoliador. Para isso, também, não hesitaria em reprimir violentamente os operários, por meio de todo o seu aparelho repressivo, incluindo o exército.

O nosso movimento operário já tem na sua história milhares de exemplos destes. Assim torna-se claro que a classe operária só se poderá libertar do jugo do capital e da exploração, quando derrubar o poder político do Capital, e instaurar um governo de democracia popular.

Para realizar estas tarefas históricas, o proletariado necessita dum partido político que defenda intransigentemente os seus interesses, e que seja, em todas as circunstâncias, o seu guia no caminho da revolução e do socialismo. Este partido, vanguarda consciente e organizada do proletariado, só poderá desempenhar as suas tarefas se for orientado pelo marxismo-leninismo, teoria que concentra toda a experiência histórica do proletariado mundial.

No nosso país, até 1963, a classe operária estava armada com o seu partido político - o Partido Comunista Português. No tempo da 3ª Internacional Comunista, fundada por Lenine e dirigi-

por Estaline, o nosso Partido chamava-se PCP (SPIG), Secção Portuguesa da Internacional Comunista. Mas, em 1963, registou-se no nosso Partido um fenómeno dramático, que muitos camaradas julgavam impossível (pois nem a repressão brutal fascista o tinha conseguido): trata-se da sua destruição por dentro. De facto, uma camarilha de renegados, dirigida pelo actual ministro dr. Cunhal, tomou definitivamente a direcção do nosso Partido, e transformou-o num partido burguês de colaboração de classes, num partido burguês para operários. A partir daí usurparam o nome de " Partido Comunista Português " para melhor enganarem a classe operária e o povo. É por isso que se coloca hoje à classe operária, a tarefa fundamental de reconstruir o Partido Comunista, tarefa que por várias razões ainda não foi levada a cabo desde 1963.

Hoje o factor decisivo para a sua execução encontra-se nos elementos de vanguarda da classe operária. Importa para tal que estes camaradas elevem a sua consciência e se unam numa organização guiada pelo marxismo-leninismo.

Nós, na União Comunista (m-1) estamos a trabalhar para esse objectivo. Esse o sentido do trabalho que temos realizado, e que nos propomos continuar. Assim, queremos que " A CLASSE OPERÁRIA ", que hoje iniciamos a publicação, seja mais uma pedra na reconstrução do edificio que será o Partido Comunista (m-1) de Portugal.

A seguir vamos ver a razão porque surgiu o nosso jornal, e como poderá ele cumprir o seu objectivo.

À medida que o nosso trabalho se desenvolveu começámos a sentir a necessidade dum órgão de imprensa que servisse para divulgar mais amplamente as nossas posições políticas nas massas

operárias, especialmente nas massas operárias em luta. De facto, a nossa imprensa teórica, "VANGUARDA VERMELHA", e de organização, "PÁGINAS VERMELHAS" e "TRABALHO SINDICAL", não permitem uma divulgação suficientemente ampla das nossas posições políticas na classe operária, na medida em que se dirigem aos elementos de vanguarda já minimamente consciencializados, ou aos nossos militantes e simpatizantes. Esta insuficiência tornava-se um entrave à difusão das ideias do marxismo-leninismo no seio da própria vanguarda espontânea, e por conseguinte entravava também o alargamento da nossa influência junto desses camaradas. Deste modo, nas fábricas e empresas, onde temos militantes, ainda se revelava com maior acuidade, a necessidade dum jornal que servisse para apoiar o seu trabalho político e de organização junto dos elementos de vanguarda naturais. Para isso, "A CLASSE OPERÁRIA" tem de difundir as nossas posições para o movimento de massas, tem de inserir-se plenamente no movimento espontâneo, procurando dentro dele esclarecer a vanguarda espontânea, procurando ser o primeiro meio de politização e organização dessa vanguarda natural. Por outro lado, o nosso jornal central poderá fazer conhecer junto das massas as nossas posições, o que facilitará o reforço da ligação natural da vanguarda às massas.

Vamos, de seguida, ver as razões pelas quais o nosso anterior jornal "LUTA OPERÁRIA" só muito parcialmente preencheu estas funções. Em primeiro lugar, um problema bastante grave do "Luta Operária" foi a sua irregularidade - diversas dificuldades no funcionamento do seu comité de redacção, e em certa altura o seu próprio desmembramento, assim como dificuldades

de natureza técnica impediram a sua saída regular. Foram publicados, apenas, dois números; o nº1 referente a Janeiro/Fevereiro, e o nº2 referente a Maio. Esta falha impediu, como é óbvio, que o jornal cumprisse as suas funções. Como sabemos é necessário que o jornal se publique regularmente para poder manter em actividade o seu aparelho de distribuição, ganhar a confiança dos seus leitores e realizar eficazmente as suas tarefas de nosso propagandista e agitador de massas.

No que diz respeito aos objectivos, o "Luta Operária" afirmava no seu editorial do nº1, que se "destina aos elementos de vanguarda do proletariado. Pretende uní-los à sua volta, recolher informações das lutas, dar-lhes perspectivas de organização, aconselhadas pela situação que atravessamos, trazer à vanguarda operária a teoria marxista-leninista, teoria revolucionária do proletariado". Afirma, também, que pretende "trabalhar pela reconstrução urgente do Partido Comunista e pela organização sindical livre dos trabalhadores". Portanto, o "L.O." inseria-se nos nossos objectivos, era uma parte do nosso trabalho actual. No entanto, era necessário definir as funções concretas que ele deveria preencher no seio da nossa organização. Não fazendo isso, e ficando-se pelas definições gerais, o "L.O." não se distinguiu das nossas outras publicações, como é o caso do "VANGUARDA VERMELHA", nosso jornal teórico. E como todos sabemos um jornal de massas, como é o caso dos jornais do tipo do "A CLASSE OPERÁRIA" que ora iniciamos publicação, têm funções diferentes dum jornal teórico. Aliás esta incompreensão era, na altura de publicação do "L.O.", reflexo das nossas deficiências políticas e orgânicas. Note-se, no entanto, a preocupação do "L.O." em relatar as lutas, e emitir opiniões acerca da situação do nosso movimento. É de ressaltar a narração das lutas na Vieira de Leiria e na Marinha Grande, apesar desta não corresponder a correspondência ope-

rária enviada da zona. No número 1 ainda há que ressaltar o importante artigo acerca da situação no movimento operário, e das tarefas que se impunham aos revolucionários portugueses. O número 2 saído já de pois do "25 de Abril" foi bastante fraco.

Ora, nós pensamos, actualmente, que o papel deste nosso jornal deve ser o de procurar dirigir-se à vanguarda espontânea da classe operária, bastamente atrasada politicamente, e que necessita assim de um propagandista apropriado, que difunda os pontos de vista essenciais, as noções rudimentares; que lhes analise as lutas, e aponte, de um modo acessível o que há a fazer. Desta forma, este nosso jornal necessita de se inserir no movimento de massas, na luta diária do proletariado contra a exploração e na luta de classes mais geral; necessita de retirar desse movimento, a experiência concentrada que a vanguarda espontânea necessita de assimilar para se tornar consciente. Ao mesmo tempo, que se dirige à vanguarda, e na medida em que tem de se inserir no movimento de massas, "A CLASSE OPERÁRIA" deve atingir as camadas do proletariado, das massas, que sofrem a acção política dos nossos militantes, simpatizantes e outros revolucionários. Assim, se vai reforçando a ligação natural da vanguarda às massas, se vai inserindo as nossas orientações naqueles sectores do proletariado, se vai consolidando a direcção política da nossa organização nas lutas daqueles sectores do proletariado.

Para preencher correctamente todas estas funções, o "A CLASSE OPERÁRIA" necessita de um bom comité de redacção. O nosso comité deveria ser constituído por uma maioria de elementos operários. Os camaradas da 3ª Internacional Comunista costumavam dizer que "sem operários, as redacções dos jornais não se tornam órgãos de combate". Dada a nossa composição social deficiente, e o restrito número de quadros operários, tal norma comunista é de momento impossível de levar à prática. Este facto, irá, de certeza, reflectir-se nos nosso jor-

nais, que poderão vir a enfermar de certos vícios pequeno-burgueses, como a dificuldade de entender a linguagem "refinada", própria aos meios onde lábutam os colarinhos brancos. No entanto, tudo far emos para combater tais deficiências, e desde já contamos com a vigilância e a crítica de todos os nossos militantes. Contudo, é de referir que, actualmente, estamos empenhados num processo para melhorar a composição social da nossa organização. Esse trabalho traduz-se não, apenas, num aumento das nossas fileiras com camaradas operários, mas também na sua participação em postos de direcção e intermédios, e nos restantes escalões. É necessário que os camaradas operários tenham um papel decisivo na direcção política da nossa organização. Essa direcção deve manifestar-se em todos os campos da nossa actividade, incluindo a imprensa. Contamos num futuro próximo poder ter cumprido esta orientação fundamental.

Para já, o nosso jornal tem de ter uma ligação estreita com as fábricas e empresas, e com as lutas. Pretendemos relatar com rigor as lutas da classe operária, e retirar delas as necessárias conclusões e ensinamentos. Ora, este trabalho só poderá ser feito com a ajuda dos nossos camaradas que participam nessas lutas. Por conseguinte, é absolutamente necessário que os camaradas operários da nossa organização enviem regularmente CORRESPONDÊNCIA para a "A CLASSE OPERÁRIA". Por outro lado, é importante que os camaradas recolham as críticas e as sugestões dos restantes leitores, especialmente daqueles a quem o jornal foi entregue de mão. Em certos casos deverão mesmo pedir a esses leitores CORRESPONDÊNCIA das lutas, e discutí-la com eles.

A CORRESPONDÊNCIA deverá versar, não só sobre as lutas na fábrica e na localidade, como também ter um papel de DENÚNCIA das condições de exploração de que é vítima a classe operária.

É importante dar uma imagem viva de cada fábrica e empresa onde estamos, relatando todas as injustiças e prepotências dos patrões e seus lacaios: despedimentos, acidentes de trabalho, humilhações e castigos, etc.. Assim como deverão apontar as aspirações mais sentidas da massa, procurando enunciar as reivindicações. Para isto, a correspondência poderá ter a forma de reportagem, entrevista. Para o trabalho de correspondências, os camaradas poderão socorrer-se dos nossos folhetos: "INQUÉRITO À SITUAÇÃO OPERÁRIA" e "INQUÉRITO ÀS LUTAS OPERÁRIAS".

A correspondência não deverá esquecer também os aspectos políticos ligados à exploração na fábrica, susceptíveis de mobilizar a classe, como é o caso de denúncia de fascistas, bufos e outros facínoras e lacaios da burguesia, arbitrariedades e prepotências imperialistas nas fábricas estrangeiras, militarismo nas fábricas de material militar, actuação dos revisionistas e outros reformistas, dos sindicalistas ministerialistas. Além disto é importante que os camaradas relatem as lutas políticas e outros acontecimentos políticos fora da fábrica. De forma alguma, se pode julgar que a opressão capitalista se exerce, apenas, na fábrica. Ela está presente por todo o lado, e é preciso denunciá-la oportunamente e fustigá-la com o grito de revolta do proletariado.

Tendo em conta a necessidade de apoio às lutas em curso, a "A CLASSE OPERÁRIA" editará números especiais, sob a forma de folhas volantes, que possam ser distribuídas maciçamente entre os camaradas em luta. Editará também números especiais acerca da situação política nacional, como já o fizemos com o nosso número especial de Agosto, intitulado: "Está aí a contra ofensiva aberta do capital".

Achamos importante que os camaradas discutam acerca da possibilidade de criar núcleos de apoio ao "A CLASSE OPERÁRIA" entre os camaradas mais avançadas das suas fábricas, empresas e localidades. Tal pode ser um meio de darem um melhor cará

cter organizado ao trabalho junto desses elementos. Esse apoio deve ser o mais variado: correspondência, distribuição do jornal, discussão, etc..

Ávante camaradas

"A CLASSE OPERÁRIA" publica-se
na ilegalidade

Como vimos o nosso jornal procura colocar-se do ponto de vista do marxismo-leninismo, e desse modo defender os interesses mais profundos da classe operária. Poderá, acaso, es ta tarefa no momento presente ser realizada na legalidade?

Pensamos que não, e vamos tentar explicar porquê. Recentemente assistiu-se à intensificação das medidas repressivas contra a imprensa partidária; o exemplo mais saliente é a suspensão do "Luta Popular". Se repararmos nas causas imediatas de tais medidas vemos que todas ellas se centram à volta de duas questões: o colonialismo e a situação económico e política da classe operária e do povo. Quanto ao colonialismo não temos quaisquer dúvidas que qualquer jornal que queira denunciar e criticar abertamente a chamada "vontade descolonizadora" do governo e os interesses que lhe estão por detrás, será bárbaramente reprimido. Veja-se o que aconteceu nas últimas semanas, que culminou no assassinato de um trabalhador no dia 14 de Agosto em Lisboa. Quanto ao movimento operário e demais massas, é também impossível defender, de um modo partidário, os seus interesses mais profundos, na legalidade da palavra impressa. Atacar a tão apregoada "vontade democrática" do governo, é crime de lesa pátria, "provocação". Nestes pontos a lei de imprensa é clara. Só não o entendem os cegos.

Para consolidar as suas posições, e ultrapassar a crise actual nacional, a burguesia portuguesa necessita de manter, a todo o custo, um clima social "sem convulsões internas que afectem a paz" e para tal se encontra unida, e não hesita em arrolhar as vozes partidárias e progressistas que a ataquem nestes pontos fulcrais. Perante estas características repressivas da nossa lei de imprensa, e tendo em conta o insuficiente apoio de massas às organizações ditas marxistas-leninistas, julgamos ser um erro grave, a legalização dos órgãos centrais dessas organizações. Pensamos que dessa legalização não poderá advir quaisquer frutos positivos, com vista à reorganização do Partido, bem pelo contrário, expõem-se desnecessária e criminosamente militantes, simpatizantes à repressão burguesa. Aliás o exemplo do "Luta Popular" é significativo. De facto, para que tais jornais possam ser permitidos pela burguesia ou se dedicam a reportagemzinhas e artigos delicados, ou cultura geral. Ora para isso, e até para muito mais, não é necessária a voz partidária, mas sim os jornais apartidários legais...

Agosto 1974

A redacção da "A CLASSE
OPERÁRIA"

.....
LÊ, DISCUTE, DIVULGA "A CLASSE OPERÁRIA",
JORNAL CENTRAL DA UNIÃO COMUNISTA (MARXISTA-
-LENINISTA)

.....
A "A CLASSE OPERÁRIA" ESTEVE LÁ

Nesta secção procurará o nosso jornal comentar e relatar aos nossos leitores acontecimentos nacionais marcantes.

xxxxxxxxxxxx O FASCISMO NÃO PASSARÁ! xxxxxx

A CONCENTRAÇÃO DE FRENTE DA
PENITENCIÁRIA+++++
(Lisboa) +++++

Algumas organizações que se rec lamam do marxismo-leninismo e do objectivo da reconstrução do Partido Comunista, bem como a UAC (Unidade Anti-Colonial), e a AEPPA (Associação dos Ex-Presos Políticos Anti Fascistas), convocaram para o dia 19 de Agosto, uma manifestação anti-fascista e anti-colonialista, a realizar frente à Penitenciária de Lisboa. A União Comunista (m-1) decidiu participar na convocação e organização dessa manifestação. Ao analisarmos a mobilização popular espontânea provocada pelos acontecimentos da Penitenciária e do Rossio, e tendo em conta que a situação política actual é caracterizada pela generalização da repressão e pelo ascenso do fascismo, considerámos que havia condições favoráveis à realização duma manifestação política de massas de protesto contra a repressão e o ascenso do fascismo. De facto, o motim dos pides na Penitenciária e os acontecimentos do Rossio, quando da proibição dum comício de simpatizantes do MPLA revelaram claramente a conciliação e colaboração do governo provisório e da Junta com a fascização. Por outro lado, esses acontecimentos serviram, também, para amostrar qual a atitude do governo provisório e da Junta para com as massas populares e as forças progressistas. Enquanto a PIDE era tratada com toda a delicadeza e compreensão, o povo era espancado brutalmente na Penitenciária, pelo simples motivo de ter ousado manifestar a sua indignação e revolta pelo tratamento concedido aos pides. Dias depois era dissolvida a tiro, pela policia de choque e pelo exército, uma manifesta-

ção de simpatizantes do MPLA, daí resultando um morto e vários feridos. A estes acontecimentos reagiram as massas mobilizando-se espontaneamente, e mostrando a sua disposição de luta contra a repressão e o ascenso do fascismo.

A concentração convocada para a Penitenciária procurava aproveitar a indignação e a disposição de luta revelada pelas massas populares para lhe dar um conteúdo político concreto. Daí que as principais palavras de ordem procuravam sintetizar de modo consciente protestos do povo contra os últimos acontecimentos, entre elas salientemos:

O FASCISMO NÃO PASSARÁ!
MORTE À PIDE! JUSTIÇA POPULAR!
ABAIXO A REPRESSÃO! VIGILÂNCIA POPULAR
INDEPENDÊNCIA IMEDIATA PARA AS COLÓNIAS!

Para que a manifestação tivesse um verdadeiro carácter de massas era necessário efectuar um amplo trabalho de agitação e propaganda. Repare-se que esse trabalho não serve, apenas, para convocar a manifestação, mas o seu aspecto principal reside na divulgação e popularização dos motivos da luta e do significado das palavras-de-ordem. Foi notória a insuficiência do trabalho que nós a UC(M-L) realizámos com essa finalidade. De facto, não mobilizámos todas as nossas forças com vista à convocação da manifestação, e o trabalho desenvolvido não teve a finalidade que devia ter. Fez-se sentir a falta dum comunicado que analisasse, de um modo simples, a situação política e os motivos que estiveram na base da concentração. Como é óbvio, as tarjetas são insuficientes para cumprir esta tarefa. O facto de termos feito pinchagens apenas no decurso da manifestação foi insuficiente. As pinchagens servem para divulgar as palavras-de-ordem junto da classe operária e das massas trabalhadoras. Pela nossa parte, consideramos sempre que a agitação e a propaganda deveria centrar-se na divulgação e popularização das palavras de ordem e dos motivos da manifestação, nas fábricas e

locais de trabalho, onde temos influência. Desse modo, se contribui para divulgar realmente a nossa organização, ao mesmo tempo que se apoiava o trabalho político que levamos a cabo nesses locais. É claro que secundariamente até se deveria efectuar pinchagens, afixar tarjetas, distribuir panfletos, noutros locais, especialmente nas fábricas importantes e zonas de forte habitação operária. Assim, se verifica sempre que as tarefas políticas gerais se têm de ligar sempre às nossas necessidades e objectivos, e reforçar a nossa organização.

Por outro lado, como se tratava duma manifestação unitária, convocada por várias organizações, as nossas pinchagens no seu percurso poderiam ser entendidas como uma "manobra" da UC(M-L) para tirar prestígio político próprio, à custa da manifestação, ou mesmo dar a entender que dirigia a manifestação. O nosso objectivo ao efectuar as pinchagens foi divulgar as palavras de ordem e o nosso apoio à manifestação, sem que para isso fossemos obrigados a pôr a descoberto sectores da nossa organização no local (distribuindo panfletos, por exemplo), o que consideramos, no momento actual, ser incorrecto, dada a fraqueza orgânica da nossa organização, jovem ainda de 8 meses, e porque ~~impediria~~ dar a conhecer muitos dos nossos camaradas, que iniciam nos seus locais de trabalho a formação dos caboucos da nossa organização. Aliás, nós próprios, temos vindo e continuaremos a combater os aproveitamentos de prestígio partidário à custa de acções unitárias. Um dos aspectos correctos desta manifestação foi justamente o facto das palavras de ordem serem unitárias, e da manifestação ter decorrido sem bandeiras e siglas partidárias. Por isto sempre nós nos batemos.

A agitação e propaganda para a manifestação deveria ter sido orientada no sentido de denunciar a natureza do governo provisório e da Junta Militar, e a sua colaboração com os fascistas do anterior regime. É preciso ter sempre presente que o gerador do fascismo é o próprio domínio da burguesia, e que a democracia burguesa, em qualquer altura, pode se isso lhe for necessário parir o fascismo. Tudo depende da evolução concreta da luta de classes.

Julgamos importante ressaltar a actuação do partido revisionista do dr. Cunhal, que tudo fez para sabotar a manifestação. Em papéis e apelos pela rádio exortava a população a "isolar os agentes provocatórios", e a não participar na concentração, chegando mesmo a destacar agentes seus para a Penitenciária e proximidades, com o fim de caluniar e provocar os promotores da manifestação, rasgar panfletos e aconselhar zelosamente a população a não passar pela Rua Marquês da Fronteira. O "PCP" tenta por todos os meios evitar que as massas populares compreendam a sua natureza social-fascista, e o seu jogo de colaboração com a burguesia e o fascismo. Para tal não olha aos meios, todos são óptimos ... Essa gente lança a ilusão de que para impedir o ascenso do fascismo, a classe operária e as massas trabalhadoras deverão abster-se de lutar, porque - segundo eles - a luta da classe operária contra a burguesia, seja económica ou política, irá fatalmente favorecer a reacção mais negra. Nada mais falso, pois nós sabemos, através da experiência internacional e nacional do movimento da classe operária, que a única arma eficaz contra o ascenso do fascismo é o desenvolvimento da iniciativa de luta, consciência e organização da classe operária e das massas trabalhadoras. E não esqueçamos, também, que a luta contra o ascenso do fascismo tem de ser uma luta contra o seu principal fautor: a burguesia e o seu domínio, materializado politicamente no governo e no estado burguês, em geral.

Esta questão é totalmente escamoteada pelo chamado PCP, para não pôr em causa a sua política de colaboração descarada com a burguesia, e a sua participação no governo.

Passamos, agora, a analisar o significado político da concentração frente à Penitenciária. Depois analisaremos o significado político da manifestação efectuada, já que para nós são 2 coisas distintas, pelas razões que vamos apontar à frente.

A concentração estava marcada para as 18,30 e compareceram no local a essa hora à volta de 4 a 5 mil pessoas, na sua grande maioria operários e trabalhadores. Trata-se de um facto extraordinariamente positivo e duma certa importância política. Tendo em conta as forças reduzidas dos grupos que se reivindicam do marxismo-leninismo, e os esforços realizados pelo partido revisionista no sentido de impedir a população de comparecer na Penitenciária, falando mesmo de "prováveis incidentes", esta concentração é um sintoma concreto da progressiva perda de influência do Partido do dr. Cunhal entre as massas.

Os milhares de pessoas concentrados frente à Penitenciária, representaram politicamente uma derrota para o partido revisionista. Este facto é ainda mais claro se atendermos a que a propaganda para a manifestação talvez não tivesse sido a maior possível, e porque o tempo de antecedência da convocação foi muito curto - 3 dias, e sabendo nós as dificuldades dos progressistas usarem os meios de comunicação legal...

Pensamos, no entanto, que a importância de massas desta concentração não foi, ainda, o resultado duma necessária capacidade de mobilização de massas das organizações que a convocaram; mas é antes o resultado de uma situação objectiva favorável. Mas é claro também que os trabalhadores que ali se concentraram não têm uma atitude hostil aos promotores da concentração, e em muitos casos, ali foram por sentirem, pela sua experiência de luta grevista, a necessidade de lutar,

e de não alinhar nas manobras capituladoras dos revisionistas.

A MANIFESTAÇÃO

Quanto a nós, a manifestação do dia 19, com cerca de 1 000 pessoas, não teve um carácter de massas; este problema das "massas" não se trata como é óbvio de um problema de aritmética, mas da natureza dos próprios manifestantes e das circunstâncias em que a manifestação decorreu, a partir da sua própria forma de arrancar. De facto, quando ainda nem sequer estavam desfraldadas todos os cartazes, um grupo de cerca de 20 manifestantes arranca, e todos os outros elementos organizados para a manifestação arrancam atrás deles. Podemos dizer que seguramente em 5 minutos a manifestação se afasta daquele local, seguindo pela Rua Marquês da Fronteira, deixando nas imediações da Penitenciária cerca de umas 3 mil a 4 mil pessoas!!! É também um facto que muitas pessoas não tiveram tempo de ler os cartazes com as palavras de ordem e que estas tiveram no seu seio uma mínima penetração, malgrado a sua justeza. Erros graves foram também cometidos na relação dos militantes com a massa, e no que poderemos chamar da ligação da vanguarda com as massas ali presentes. Começámos pela péssima distribuição dos militantes no seio da massa - estes constituíam um grupo perfeitamente distinto da massa -, e deste modo as palavras de ordem não penetraram nas massas presentes frente à Penitenciária, e estas não foram amplamente esclarecidas dos objectivos da manifestação. Não foram feitos comícios de esclarecimento, antes de arrancar com a manifestação. Assim, houve um desprezo quase completo pelo esclarecimento, educação e ligação às massas presentes. Consideramos que o arranque feito naquelas circunstâncias, sem a mínima preocupação de ligação às massas presentes, à sua educação e esclarecimento, à elevação da sua combatividade para uma acção política concreta, é um grave erro de direito. Erro de que nos auto cri-

ticamos públicamente, pois também fomos um dos promotores da concentração e da manifestação. Este arranque cavou uma divisão entre os elementos mais avançados e as massas. A prova está em que estas se sentiram desligadas da manifestação. Não esqueçamos que muitas pessoas foram à concentração por causa dos Pides. E os pides estavam ali mesmo de frente, aliás bem protegidos pela tropa ... e era ali mesmo de frente da Penitenciária que as massas esperavam, "quétqualquer coisa" se passasse, como o ouvimos de vários elementos da população lá presente.

É frequente aparecer na propaganda de certos grupos que se reivindicam do marxismo-leninismo, apelos à mobilização das massas, à luta de massas, à necessidade de mobilizar as massas, de politizar e consciencializar as massas, etc., etc.. Não comentamos, por ora, o significado político de tão grandiloquentes apelos, de tanta euforia "massista"; apenas nos admiramos que homens tão habituados a realizar "trabalho político de massas", nesta situação concreta, de frente da Penitenciária, em que tinham sectores das massas "na mão", as abandonaram à sua sorte!!! Custa-nos a acreditar!...

Desejosos que estão de pôr em prática as suas ideias sobre a unidade dos "marxistas-leninistas" não podiam deixar passar esta oportunidade. Havia que mostrar, a todo o custo, que os tais marxistas leninistas estavam unidos, e que esta manifestação seria mais um passo, talvez mesmo um passo importante (quem sabe?!) no caminho para a fundação do Partido! E aqui reside um dos pontos da nossa discordância. Combateremos firmemente a ideia de que entre os grupos que se reclamam do marxismo-leninismo só existem diferenças de pormenor, e que bastará umas quantas acções práticas conjuntas para tudo se fundir. Esta posição serve para tapar as discordâncias que nos separam, que têm de ser clarificadas e discutidas de modo sistemático, para se saber as posições reais dos grupos e os seus

contornos políticos. É certo que as acções práticas são importantes no sentido em que podem contribuir para essa clarificação e para esse debate; verifica-se na prática a posição dos diversos grupos; ao mesmo tempo, que permite avaliar o grau da sua ligação orgânica à vanguarda do proletariado; permitem ainda realizar acções de massas conjuntas, claramente anti revisionistas, em defesa de ideias do marxismo-leninismo, impedindo a conspurcação ainda maior do marxismo-leninismo, nossa doutrina e guia para a acção. Devemos salientar que no terreno da luta contra o revisionismo e de ligação orgânica à vanguarda do proletariado, esta manifestação teve aspectos bastante positivos. Na sua composição social contava-se com bastantes operários, alguns deles operários de vanguarda, que se encontram sob a influência dum ou doutro grupo.

Contudo, esta manifestação, mais uma vez, demonstrou a influência das ideias pequeno-burguesas no seio dos seus promotores, as quais os levaram a dar erroneamente mais importância ao " marcar de presença " de que a chamada " extrema esquerda " ali esteve, em vez de se preocuparem em mobilizar para uma acção concreta de protesto as massas presentes de frente da Penitenciária. E isto não é uma questão de somenos importância...

20 Agosto 1974

XX

O PROTESTO DE MASSAS CONTRA O ASSASSINATO
DE UM TRABALHADOR NA NOITE SANGREN-
TA DE 14 DE AGOSTO

Na noite de 14 de Agosto foi assassinado o trabalhador Vitor Bernardes, quando da dissolução a tiro pela policia de choque e pelo exército de uma manifestação de simpatizantes do MPLA que decorria no Rossio (Lisboa). Este frio assassinato causou a indignação e repulsa em todo o po-

vo português. O Governo e as forças armadas e os partidos da coligação, para justificarem o crime forjaram uma hipotética " provocação com armas de fogo " contra as " forças da ordem "; todavia para se limparem aos olhos do povo " lamentaram " o sucedido, e " prometeram " iniciar " um inquérito sobre os incidentes "... É preciso frisar que os principais responsáveis por este crime são o Governo e as forças armadas, e não apenas a PSP. Pois como sabemos, o assassinato foi o resultado directo da proibição arbitrária dum comício de simpatizantes do MPLA, na noite de 14 de Agosto. A PSP agiu a mando de seus senhores, agiu como executora dessa ordem de proibição. Já no tempo de Salazar e Caetano ouvíamos sempre o mesmo discurso: um elemento da PSP " inexperiente " , " enervou-se " e zás!...

O " PCP ", que colaborou na proibição do comício, na pessoa do seu secretário geral e ministro do Governo, dr Alvaro Cunhal, veio posteriormente a lamentar o assassinato, afirmando embora que " não é justa identificar as forças militarizadas no seu conjunto com os responsáveis por actos de repressão violenta ", procurando assim iludir o papel repressivo e criminoso de qualquer força repressiva do Governo, seja a PSP, a GNR, ou a Policia Militar, ou o COPCON em bloco. Para justificar o crime, tentando livrar as suas próprias responsabilidades, o " PCP " insurge-se contra o facto da população indignada responder à violência reaccionária, com a violência revolucionária de massas. Para Cunhal isso foi exaltação esquerdista (aliás os próprios simpatizantes do MPLA são apelidados no " Avante " de " esquerdistas "); foi " exaltação " manifestar-se contra a proibição do comício, foi exaltação apedrejar a esquadra da policia, após a carga policial... Este acontecimento revelou, também, a verdadeira natureza da tão apregoada " solidariedade " dos cunhalistas ao MPLA!!!

O funeral de Vitor Bernardes realizou-se no sábado seguinte pelas 16 horas a partir da Av. de

Berna (Lisboa). Aí compareceram milhares de pessoas que quiseram prestar uma homenagem ao trabalhador assassinado, primeira vítima da repressão democrática burguesa. Era geral a indignação e o repúdio do povo presente contra este odioso crime. O "PCP", a CDE e certas organizações convocaram a população para o cemitério dos Prazeres, distante da Igreja donde saiu o assassinado, na esperança de evitar uma manifestação a pé pelas ruas da cidade de Lisboa, o que levaria a uma repressão política ainda maior. Em particular os agentes da CDE tentaram por todos os meios evitar que o funeral se efectuasse a pé. Com esse fim, destacou para a Av. de Berna umas escassas dezenas de seus agentes, que tinham a "gloriosa" missão de se opôr à vontade popular. Em dada altura estes senhores "ordenaram" o início do funeral, que segundo eles se realizaria de automóvel. Para isso mandaram avançar o carro funerário, ao mesmo tempo que empurravam e agrediam as massas presentes, para o carro poder passar. A resposta do povo foi unânime - "A pé", "A pé!", "O povo anda a pé", "o povo não tem carro". Esta atitude impediu que os agentes da CDE pudessem levar à vante os seus intentos anti populares. Apesar disso os da CDE continuavam à cacetada sobre a população. Mais tarde tentaram fugir com o carro fúnebre por outra rua, mas encontraram a muralha da população pela frente. Então desistiram, e passaram a dizer à população que se queria ir a pé, que andasse depressa, quase a correr, pois o cemitério ia fechar às 5! Estes acontecimentos junto à Igreja marcaram uma clara derrota política da CDE, e revelaram a sua face de caceteiros. Durante a manifestação que decorreu da Av de Berna até ao Cemitério dos Prazeres foram gritadas várias palavras de ordem, como "Unidade Popular contra a guerra e o fascismo" e "Cunhal traidor da classe operária". Porém, a repercussão destas palavras de ordem na massa presente foi nula, sendo apenas gritadas por um pequeno número de manifestantes, que seguem em grupo compacto.

Vários factres contribuíram para esta falta de penetração. Assim, as próprias palavras de ordem estavam desligadas da motivação concreta das massas populares ali presentes. As palavras de ordem a serem gritadas deveriam ter em conta a indignação popular espontânea contra o crime (e inclusive tomando em conta os acontecimentos passados na Penitenciária, então bem recentes...). Deveriam, por conseguinte, sintetizar essa indignação e dar-lhe um conteúdo político. Outro facto, é a questão daquelas palavras de ordem serem gritadas por elementos, que como sabemos, estão sempre mais interessados em se evidenciar e marcar a sua posição, do que aproveitar correctamente a mobilização das massas. No entanto, estes elementos e outros tiveram um papel positivo na resistência contra os provocadores da CDE, batendo-se pela realização do funeral a pé, e em alguns momentos estiveram mesmo à frente dessa luta.

À porta do cemitério mais uns milhares de pessoas estavam presentes à chegada do funeral. De salientar a presença de camaradas simpatizantes dos movimentos de libertação, MPLA, PAIGC e FRELIMO, e MLSTP, que hastearam as suas bandieras. Logo quando o carro funerário ia a entrar no cemitério se verificaram mais alguns indidentes violentos, motivados pelo sectarismo provocatório da CDE, que tentava impedir que outros organismos políticos se aproximassem do caixão do trabalhador assassinado, nomeadamente o MRPP. De notar aqui, já agora, que os do MRPP, que inicialmente tinham convocado para a Igreja, logo desconvocaram rapidamente, e seguindo as passadas da CDE, convocaram para o Cemitério, coadjuvando o papel desmobilizador de tais senhores.

Depois do enterro interveio um camarada simpaticante do MPLA, que prestou homenagem sentida a Vitor Bernardes, e apontou como responsáveis pelo assassinato, não apenas quem puxou pelo gatilho, mas quem ordenou a proibição do comício de 14 de Agosto, quem em Angola apoio os massacres dos racistas brancos...

Denunciou ainda os falsos anti colonialistas, e exortou à luta os verdadeiros amigos do povo angolano, os anti colonialistas consequentes. E a provocação dos agentes da CDE não parou. Depois do funeral, agentes da CDE queimaram à porta do cemitério bandeiras vermelhas, lançaram paus, garrafas de vidro partidas e pedras sobre um grupo de manifestantes, que aguentou a pé firme até à Estrela, sem responder às provocações revisionistas. Esta acção dos provocadores da CDE foi perfeitamente premeditada e organizada. Ouvia-se à boca cheia comentários do género: " Se fosse no Porto já tínhamos acabado com isto..."; " Éramos apenas 50 e fizemos alguns feridos neles. Nós não tivemos feridos. Quando houver uma manifestação do MRPP lá estaremos para acabar com ela "...

Comparem camaradas leitores estas actuações com as usadas pelos federalistas sobre o comício do PAIGC no Rossio, e veja-se se há alguma diferença... Os da CDE têm sempre na ponta da língua a " democracia " e o " civismo ", mas temos encontrado por todo o lado as suas tropas de choque contra manifestações populares...

XX

NO PORTO BRIGADAS DE CHOQUE DA CDE E
DO PARTIDO DE CUNHAL AGRIDEM
MANIFESTANTES

Para o dia 12 tinha convocado o jornal suspenso " Luta Popular " uma manifestação de protesto para a Praça da Liberdade (Porto). Tendo-se concentrado poucos elementos para a manifestação, os elementos da CDE, do Partido e do MJT lançaram-se sobre os poucos manifestantes, queimaram bandeiras vermelhas, rasgaram cartazes e desancaram violentamente vários deles. Tal grupo de provocadores era chefiado por uns tais JOÃO CUNHA e JOSÉ FERNANDES. O " Primeiro de Janeiro " publicou até um fotografia, em que se podiam ver provocadores da CDE queimando bandeiras vermelhas e cartazes. No jornal " A CAPITAL " um revisio-

nista de nome Virgilio de Jesus da S^Ilva Marques afirmou " o meu partido é o PCP e só me apetecia matar aqueles tipos", declarou ao jornalista empunhando uma barra de ferro. Mais um exemplo concreto do social-fascismo do partido de Cunhal. De salientar que a PSP não interveio para reprimir as selvagerias dos provocadores da CDE.

XX

FACE À COMPLACÊNCIA DO GOVERNO, MERCENÁRIOS COLONIALISTAS PROVOCAM DISTÚRBIOS NO ROSSIO (LISBOA)

Uma tal " União Democrática de Cabo Verde" convocou uma parada de " trabalhadores cabo verdianos " para o dia 18 de Agosto na Praça do Comércio (Lisboa). Tendo conhecimento deste facto, simpatizantes do PAIGC decidem convocar para aquele local e à mesma hora uma concentração de protesto. Apesar de toda a propaganda levada a cabo pela tal UDCV, distribuindo pelas ruas propaganda aos molhes pelo chão, compareceram no Terreiro do Paço não mais de uma centena de indivíduos, que haviam sido trazidos em 12 camionetas fretadas e pagas pelos donos da UDCV. Cerca duas 70 elementos empunhavam bandeiras de Portugal e dísticos " Cabo Verde quer ser Portugal ". Certo estavam concentrados centenas de simpatizantes do PAIGC, que entretanto esclareciam alguns trabalhadores cabo verdianos ali presentes do objectivo da manifestação da UDCV, divulgando assim a Linha Política do PAIGC. Os que empunhavam as bandeiras de Portugal, a solda da UDCV, apenas sabiam dizer " Viva Portugal"... Quando se inicia a parada da UDCV, os simpatizantes do PAIGC começaram a gritar as suas justas palavras de ordem, abafando a vozearia dos reaccionários. Entrementes, depois de algumas manifestações na Praça, e de muitos trabalhadores cabo verdianos abandonarem a parada da UDCV, descobriu-se um carro, usado para a distribuição de bandeiras, e ainda entulhado de papelada, e o jor-

nal "Tribuna Popular", órgão do partido fascista e colonialista "Movimento Federalista Português". O carro foi virado, e os jornais queimados. Tornou-se então clara a ligação de tal "movimento" com a UDCV e com esta parada provocatória. Além do mais um tal JORGE FONSECA desse movimento foi reconhecido como dirigente da parada da UDCV. Valentemente sovado, desapareceu da zona. Este colonialista, grande proprietário de Cabo Verde, era secundado por uma tal BIA, individualmente odiada pelos cabo verdeanos, pela sua actividade infame de lançar na prostituição muitas trabalhadoras jovens, e por "vender" trabalhadores cabo verdeanos às empresas da construção civil. Vendo-se completamente derrotados, os provocadores desatarem à agressão sobre a população presente no Rossio e sobre os manifestantes do PAIGC. Esse bando de mercenários da UDCV vinha armada de paus, pedras e facas, e podiam ver-se debaixo da roupa, pistolas. Faquearam ainda um camarada do PAIGC. E durante mais uma hora tal bando "ocupou" o Rossio e ali continua em grande algazarra, apedrejando montras, auto carros e população, e dando "Vivas a Portugal"... Os simpatizantes do PAIGC continuaram o seu comício e denunciaram amplamente as manobras colonialistas, de que aquela parada da UDCV tinha sido mais um exemplo, e salientaram como o governo "descolonizador" de Lisboa permitia que aqueles elementos provocadores actuassem abertamente!

XX

C O R R E S P O N D Ê N C I A D A S
F Á B R I C A S E E M P R E S A S

XXXXXXXXXXXX OS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS DA TAP XXXXXX

Tendo-se iniciado uma greve no dia 26 de Agosto à tarde por centenas de trabalhadores das secções de Manutenção, e com aderência de outros sectores da TAP, logo todas as forças defensoras da



burguesia passaram ao ataque, tentando sufocar a nossa justa luta. Desde as manobras divisionistas da Comissão sindical reformista, mobilizando algumas escassas dezenas de amarelos, os administrativos e pessoal de voo, inventando um plenário onde decretam a "suspensão da greve", até à acção provocatória da célula do chamado PCP na TAP, até à chamada pelo Ministério do Trabalho do COPCON. Afirmando que a greve punha "em perigo o processo de democrático e a economia nacional", e que a "democracia não é construída com anarquia e falta de disciplina", o Ministro do Trabalho, após a célula do "PCP" ter preparado o terreno, mandou investir os comandos do COPCON. Da parte da célula do "PCP" na TAP, tal como da parte das comissões administrativa e sindical, papel vergonhoso foi desempenhado. O chamado PCP tomou a dianteira de considerar que a nossa greve tinha nitidamente "um carácter político, sendo objectivamente uma provocação", "ilegalizando" assim aos olhos da população a nossa luta dando cobertura à actuação abertamente repressiva do Governo. Mentindo descaradamente, tanto o Governo, como a célula do "PCP" declararam que a nossa greve afectava o desembarque das tropas, vindas da Guiné, o que não passa de uma torpe falsidade, para indispor a população contra nós.

Um comunicado de uma comissão de trabalhadores da TAP, após a investida das tropas, fez emitir esta ^{opinião} ~~opinião~~, que aqui damos aos camaradas ~~em~~ ^{seguinte} ~~seguinte~~:

" OS TRABALHADORES DA TAP FACE À REPRESSÃO

1) O caderno reivindicativo TAP aparece face ao alheamento da Comissão Sindical, no que diz respeito aos problemas dos trabalhadores que representa; 2) Esta comissão Sindical TAP encontra-se já destituída pelos próprios trabalhadores, que o fizeram em Assembleia Plenária; 3) Os trabalhadores foram coagidos, por modos violentos a inter-

romper o Plenário, e a abandonar o local onde es de decorria; 4) Foi-lhes dito que tinham 30 minutos para o fazer, findos os quais as tropas de choque do COPCON, que invadiram as instalações da TAP, imediatamente actuariam.; 5) Esta tropa de choque completamente armada em moldes de entrar em combate imediato, era composta por uma companhia completa de comandos; uma companhia completa de paraquedistas, equipados de camuflado, 4 cartucheiras cada homem, faca de mato, e armados de metralhadoras G-3 e G-3 calibre 7,62 de coronha retráctil. Carros de combate chaimite em número de 5, com os nihos de metralhadoras virados para os trabalhadores, e equipados com as respectivas tripulações, prontas a intrevir. Como não podia deixar de ser lá estavam os simpáticos pastores alemães.; 6) Todo este dispositivo entrou imediatamente em funcionamento, como se se tratasse de responder a um processo de luta armada.; 7) Apareceram os habituais oficiais, a que já nos começámos a habituar a ver (recordam-se do motim dos pides e da batalha campal do Rossio?). Estes sehnores fazem-nos lembrar saudosamente os bons tempos do capitão Maltês à frente das suas brigadas, em colaboração com a PIDE/DGS.; 8) Os trabalhadores da TAP nutrem o mais profundo desprezo por esta forma repressiva ".

VIVA A JUSTA LUTA DOS TRABALHADORES DA TAP!

XX

-----DA EFACEC--INEL(Sul)

Lições a tirar de uma greve

Se sem uma boa organização não pode haver uma linha política justa, também uma greve por muito justa que seja não vencerá se não for bem organizada. U a das grandes lições a tirar da nossa greve é de" como se conseguiu mobilizar os trabalhadores, e fazê-los participar diãriamente na luta.

Para isso criou-se um grupo cultural, que tinha como tarefas fundamentais a feitura dum jornal

diário (de greve) e a realização de debates nos locais de trabalho da empresa. Outras realizações foram a passagem de filmes e a realização de dois cantos livres. Analisando cada uma destas realizações verificamos que se muito foi feito, muito mais haveria que fazer.

O jornal de greve foi uma das grandes tarefas nas também aquela onde se cometeram mais erros. O jornal era e continua a ser (mesmo após suspensão a greve) uma arma importante. Era através dele que os trabalhadores eram elucidados sobre o andamento da nossa luta, e ainda sobre as lutas dos nossos camaradas de outras fábricas. O jornal era pois uma forma de consciencialização dos trabalhadores, assim como tudo o que nele se escrevesse devia ser feito de maneira a que os operários, à primeira leitura, tirassem os primeiros ensinamentos, e pudessem discutir todos os artigos. Para isso o ideal era que o maior número de artigos fosse feito por operários. Aqui encontramos o maior erro, foi o não se ter preocupado em chamar a si um maior número de operários, não só para a feitura dos jornais, como para também serem os operários nos seus locais de trabalho a promoverem os debates sobre o jornal, assim como sobre outros assuntos. Correu-se assim o risco de serem meia dúzia a escreverem para os operários. Aí já isto está patente em alguns artigos.

Outra das importantes iniciativas foi a realização de debates nos locais de trabalho. Estes debates vieram contribuir para que todos os trabalhadores vissem a importância da nossa luta no contexto das lutas operárias em Portugal, assim como demonstrou aos operários com quem podíamos contar, e quem tentava furar a nossa luta.

A passagem de filmes foi outra das iniciativas. Os filmes passados foram " Nas zonas libertadas da Guiné-Bissau", o " Oriente é Vermelho", o " Couraça de Potenkine ", o " Sal da Terra" e " A Greve da Lip"; estes filmes foram seguidos de debate. Todos os filmes tiveram uma boa aceitação, mas foi da " Greve da Lip" que os trabalhadores puderam tirar

mais ensinamentos. Pois viu-se como os camaradas da LIP se organizaram na sua greve. Foi a partir da sua exibição que impulsionámos a criação em todos os locais de trabalho de um jornal de parede, e começámos, ao fim de cada dia, a fazer uma reunião com o maior número de trabalhadores, em que fazíamos o ponto da situação, e planeávamos o trabalho para o dia seguinte.

Em todas estas iniciativas se deparou com um grande problema: o elevado número de locais de trabalho (8), assim como a distância que os separava. Para isso os camaradas mais activos tinham que se deslocar para irem a todos os sítios, nunca podendo ir todos juntos aos mesmos locais de trabalho.

A solidariedade operária à luta da Efacec-Intel foi feita através da criação de um FUNDO DE GREVE para socorrer aos camaradas mais necessitados. Esta iniciativa não foi devidamente dinamizada, pois os camaradas que estavam encarregados dela emitiram-se a elaborar listas e a distribuí-las por camaradas que conheciam pessoas nalgumas fábricas. (A justa ideia de mobilizar os camaradas da EFACEC, no período de luta, deslocando-se em piquetes ^{às outras fábricas} não chegou a ter concretização).

A influência dos sindicatos na nossa luta foi totalmente nula. No que se refere aos grupos políticos mais variados já houve uma certa preocupação em vir cá, mas sem aspectos positivos. A chamada "Liga" limitou-se a distribuir à porta do "VOZ DO OPERÁRIO", quando dos nossos 2 últimos plenários, um panfleto falando de várias reivindicações de carácter económico. O chamado MRPP fez o seu aparecimento, através do seu órgão "Luta Popular" para fazer um artigo sobre a nossa greve. O PRP através do seu jornal "Revolução" também contactou connosco para a feitura de uma reportagem; assim como os jornais "O Combate", a "Luta Proletária", "A Voz do trabalhador", "A voz do Povo", o jornal da URML e outros mais.

Por aqui se pode ver que a vinda cá dos grupos políticos se limitou a colher informações so-

bre o decorrer da luta, para posterior publicação nos seus jornais, ou como no caso da "LCI" para fazerem lá fora panfletos que dariam uma ideia de que eram eles que estavam à frente da luta... Como curiosidade é de referir que o jornal "Avante" esteve presente numa conferência de imprensa dada por nós, mas nada publicou!

No que diz respeito a futuras lutas dentro da Efacec-Inel(Sul) muito há a fazer, tendo em conta os erros que se cometeram para não se voltar de novo a cair neles. Todos nós devemos não nos deixar adormecer à sombra das nossa vitórias, mas pelo contrário estar sempre atentos contra novos golpes do capitalismo, e alertar todos os trabalhadores que a nossa luta não terminou, pois continuamos a ser cada vez mais explorados. Assim continuamos a editar o nosso jornal e a promover reuniões semanais, o que é uma forma de todos os trabalhadores não dispersarem e manterem o espírito acesso para a luta.

XX

-----DOS C.T.T.

Nós trabalhadores dos CTT tivemos há pouco tempo uma experiência extremamente importante, da qual é nosso dever retirar lições, sem as quais jamais será possível desenvolver a luta pelos nossos objectivos .., preparando as nossas forças para enfrentar dificuldades futuras na conquista dos nossos direitos, bem como generalizando-as aos nossos camaradas de outras empresas. A desorganização temporária do estado fascista, que foi utilizado ao longo destes 48 anos para oprimir os trabalhadores submetendo-os aos interesses do capital, e as recentes alterações da vida nacional não acontecem por acaso. Elas são resultado da luta patriótica dos povos coloniais pela independência, do movimento espontâneo das massas trabalhadoras em Portugal contra a exploração e a guerra, e do conseqüente agudizar das lutas intestinas no seio da burguesia.

Lográmos conquistar alguns direitos, que temos de defender firmemente, respondendo a todas as tentativas de os limitar. Como todos os trabalhadores do nosso país, vimos no 25 de Abril, antes de mais, a possibilidade de intensificarmos as lutas por melhores condições de vida. Alguns dos nossos camaradas conseguiram-no, e não raras vezes utilizaram a greve para esse fim. Também nós dos CTT a utilizámos, quando os outros processos se mostraram ineficazes, porque julgamos ser a greve um direito que temos. Valeu-nos esta atitude firme a posição de força do Governo, em que predominavam os sectores interessados numa crise que justificasse o uso da repressão sobre nós, e sobre outros trabalhadores que ousaram ou ousem usar a arma da greve na conquista das suas reivindicações. Sabemos bem como essa jogada fracassou face à continuidade que a nossa luta teve, bem como da solidariedade demonstrada por elementos do próprio exército e de sectores progressistas da nossa população, amplamente demonstrada nas manifestações de rua de Lisboa, na sequência da prisão dos milicianos Anjos e Marvão, que corajosamente se negaram a reprimir-nos. Valeu-nos a nossa atitude a oposição da CDE, e especialmente do Partido revisionista, que se intitula "PCP", mas que vem demonstrando a sua verdadeira natureza de partido da burguesia para submissão da classe operária aos seus interesses. Com esta tomada de posição do chamado "PCP", e porque é ele ainda hoje um partido conhecido entre os trabalhadores, e que usa o nome de "comunista" para melhor enganar as massas, é nosso dever desmistificar isso, e demonstrar que tal partido nada tem a ver com o Partido Comunista Português, fundado em 1921 por um punhado de trabalhadores, a quem chegaram as ideias do socialismo científico, e que ao longo da sua história, apesar de graves desvios de direita e de esquerda, foi o real condutor do proletariado e das massas na sua luta contra o fascismo, a exploração capitalista e pela democracia popular.

Esta tarefa que nós militantes comunistas dos

CTT empreendemos tem o fim imediato de preparar os nossos camaradas contra as manobras que sectores reaccionários utilizam, no momento actual, que ao servirem-se da traição do chamado "PCP" para denegrir as ideias do socialismo e o carácter dos comunistas, com o fim de favorecer o ascenso do fascismo, com o fim de justificarem a repressão sobre os trabalhadores, apontam aos trabalhadores o "comunismo" do "PCP" como sendo de facto o verdadeiro comunismo, o socialismo científico, o marxismo-leninismo, e assim afastarem os trabalhadores destas justas ideias, que o "PCP" jamais perfilha!

Temos ainda o fim de explicar porque é que esse partido é obrigado a mostrar claramente a sua verdadeira natureza, opondo-se às greves operárias e à organização dos trabalhadores.

Os verdadeiros comunistas pensam que o mundo em que vivemos tem uma natureza material, e que do ponto de vista social, a luta de classes é o motor de todas as suas transformações. Sabemos que as classes defendem interesses próprios e que lutam entre si. Os partidos políticos são a sua forma superior de organização, e identificam-se quase sempre com os interesses próprios de uma ou de outra classe. Para travar o combate contra a exploração capitalista e as suas forças políticas, também o proletariado tem necessidade de um partido político próprio - o Partido Comunista. Sendo o partido da classe dos proletários, isto é dos que nada possuem além da sua força de trabalho para vender no mercado, este partido é constituído pelos seus melhores elementos, e os seus objectivos são lançar as massas no derrube da classe dominante, a burguesia, a destruição do seu aparelho repressivo, e a instauração de um regime em que o proletariado seja detentor do poder político, transforme a propriedade individual em propriedade colectiva, estabeleça uma nova estrutura

social sem exploração do homem pelo homem. Um partido que detenha este programa, que contém as aspirações dos operários, dos camponeses pobres e de outros trabalhadores explorados, não pode ser bem visto pelas classes que hoje estão no poder. Pelo contrário, sempre que possível é reprimido com violência. Se pelo contrário, este partido atraiça os seus princípios e se submete à direcção de outras classes sociais, é recebido de braços abertos, pois é um partido inofensivo, e em certos momentos muito útil para conter a luta dos trabalhadores. Durante algum tempo, contudo, ele permanece ligado à classe operária, pois usará uma política enganadora, e valer-se-á do nome que usurpa. Falará muito em democracia, mas praticará métodos de acção fascistas, como o vimos incitando a população contra nós, formando piquetes para nos provocar. Falará muito de paz, mas praticará a guerra. Prometerá uma vida melhor para os trabalhadores, mas lançar-se-á contra as greves operárias, que visam mitigar os nossos sofrimentos nesta sociedade, e resistir à exploração. Dir-se-á interessado na expansão da cultura popular, mas será um agente de difusão da cultura burguesa para corrupção dos trabalhadores.

Contudo, mais tarde ou mais cedo, o seu desmascaramento é inevitável, e a nossa recente experiência de luta bem o demonstrou. Por outro lado, a sua política oportunista, baseada na propaganda da democracia burguesa, de tática parlamentarista, como processos de emancipação do trabalho através de reformas, fazem afluír ao Partido numerosos elementos pequeno burgueses então a sua degenerescência é total, e este partido já nada tem a ver com o Partido Comunista.

O Partido Comunista é, camaradas, a arma política fundamental do proletariado. Da mesma

forma que os burgueses se organizam em diversos partidos, onde estão filiados capitalistas e seus servidores (advogados, oficiais, engenheiros, generais e outros colarinhos brancos), que são a parte mais consciente da classe cujos interesses representam, que lhes permite lutar com maior eficácia contra os trabalhadores, também estes, tendo à frente a classe operária, lutarão com maior eficácia e redobrada combatividade, se tiverem à frente um Partido que seja a sua parte mais consciente e organizada, que tenha plena consciência dos interesses mais profundos da classe operária, conheça os métodos mais eficazes e rápidos de os atingir.

Nós trabalhadores dos CTT conhecemos bem a necessidade de um partido proletário. Nós vimos há pouco como a burguesia organizou a sua campanha de sabotagem à nossa luta, graças ao domínio que tem no governo, nas organizações políticas mais importantes (como a CDE e o "PCP"), nos grêmios, nos jornais, etc.. Contra tal organização nós teremos de opôr a nossa própria organização. Os operários de vanguarda que noutras empresas têm sentido as mesmas dificuldades devem tomar consciência da necessidade imperiosa de reconstruir o Partido. Assim, o Partido Comunista não pode confundir-se com as organizações que alguns intelectuais radicais, têm montado, arvorando-se em vanguarda do proletariado. O partido deverá ser constituído essencialmente pelos operários que, entre nós, se destacuem pela condução das lutas, pelo espírito de militância, pela dedicação aos seus camaradas de trabalho, por serem dotados de uma maior consciência de classe, por dominarem os princípios teóricos que orientam a luta das classes trabalhadoras na via da revolução. Os revolucionários que hoje procuram reconstruir o partido dos proletários continuam a tarefa dos que após a cisão do " PCP" em 1963, depois deste ter demonstrado o abandono

completo dos princípios marxistas-leninistas que o deveriam caracterizar, meter ^{am} mãos à obra. Actualmente, os revolucionários estão procurando organizar e consciencializar os elementos de vanguarda da classe operária, inserindo-se na luta das massas trabalhadoras. Esta tarefa prioritária encontra, no entanto, enormes dificuldades, pois desenvolve-se numa luta constante contra a ideologia burguesa e revisionista, e contra os seus instrumentos de repressão.

Contudo, os elementos de vanguarda da classe operária, os explorados, tomam cada vez maior consciência da situação política actual e das tarefas históricas da sua classe. Procuram os ensinamentos da ideologia marxista-leninista, organizam-se em células comunistas nas empresas e bairros operários, lançam as primeiras pedras na edificação do seu partido, animam as lutas operárias em decurso, esclarecem os seus companheiros de trabalho, e organizam-nos na sua luta diária contra o patronato explorador. O Partido Comunista será, pois, o resultado duma luta quotidiana contra a ideologia burguesa, e da educação e organização dos trabalhadores de vanguarda, que se estão revelando nas lutas contra a exploração capitalista, e constituirá para os trabalhadores a sua arma fundamental para derrubar o poder da burguesia.

AVANTE PELA ORGANIZAÇÃO COMUNISTA NOS
CTT!

VIVA A CLASSE OPERÁRIA!

XX

Camarada! Escuta as emissoras revolucionárias!

Rádio Tirana:	Horas	Ondas Curtas
	8 horas às 8,30	em 31 e 49 m.
	11 às 11,30	em 25 e 41 m.

das 22,30 às 23 em 31 e 49 m.

das 24 à 1 em 31 e 42 m.

das 2 às 3 em 31 e 42 m.

Rádio Pequim

das 21 às 22 em 25 e 41 m.

XX

A V I S O A E L E M E N T O S
E X P U L S O S D A U N I ã O C O M U N I S T A

A União Comunista (m-1) avisa os elementos expulsos quando da reorganização da nossa organização em Dezembro de 1973, que tem seguido com atenção as suas manobras provocatórias de criarem um grupelho de intelectuais, usando para isso ideias e aspectos da nossa Linha Política e Programa, e que tomará as devidas medidas logo que o entenda.

Avisamos, também, uma antiga simpatizante, expulsa ainda há pouco tempo, que a UC(M-L) tem seguido com atenção as suas actividades provocatórias de denunciar publicamente simpatizantes nossos. Essa simpatizante expulsa tem dado aso a atrair sobre nós, calúnias ignominosas de que somos um " bando de salteadores ", porque levámos a efeito uma discussão política e interrogatório às suas actividades, sendo obrigados para isso a abordá-la na rua e levá-la a sítio ^{seja} desconhecido. A seu tempo trataremos de lhe dar o devido correctivo, assim como achamos vergonhoso que elementos que se reivindicam do marxismo-leninismo, não encontrem outro método de discordar das nossas posições, senão usando para isso a torpe calúnia, tão comum na boca dos traidores do partido de Cunhal. Se necessário divulgaremos publicamente o processo de expulsão desta antiga simpatizante, assim como mais oportunamente nos referiremos aos métodos que certos revolucionários têm usado contra as nossas posições políticas.

A União Comunista (m-1) combaterá intransigentemente a provocação, pois entende que a luta do proletariado não pode admitir estas actividades sabotadoras, que não são mais do que armas que a burguesia usa, para no momento actual privar a vanguarda da sua organização partidária. ++++++